

Assim, esperamos propostas que enfrentem, de forma corajosa e sem ressentimentos, o aviltante processo de privatização interna das Universidades, UFBA inclusa, materializados pela presença generalizada de fundações privadas, de projetos e cursos de especialização com orçamentos próprios, os quais corrompem um ideal universitário de independência, autonomia e criatividade, impossível de ser concretizado em órgãos, instituições ou setores umbilicalmente comprometidos com aqueles que o sustentam.

A campanha eleitoral da UFBA está apenas começando. Cabe a todos nós, comunidade universitária e sociedade baiana, cobrar dos candidatos e candidatas, uma posição mais clara sobre a Universidade nesse mundo em profunda transformação e, para tal, esperamos dos órgãos de imprensa da Bahia e do Brasil, um maior espaço para que essas idéias possam ser amplamente discutidas.

Nelson Pretto é Diretor da Faculdade de Educação da UFBA e Luis Felipe Serpa é professor da Faculdade de Educação e foi reitor da UFBA (1994-98)
<http://www.faced.ufba.br>.

(FAPESB), finalmente instalada nesse ano; as pesquisas da escola de Economia sobre a questão do emprego na Bahia e no Brasil; os estudos sobre a questão da mulher, recentemente visualizados pelo acampamento das mulheres trabalhadoras rurais organizado pelo NEIM; as discussões do CEAO, Extensão e da FACED sobre as cotas para negros no ensino superior... Colocar reticências é nossa costumeira forma de incluir tudo o mais que existiu, existe ou está por vir.

A referência ao Reitor Edgar Santos sempre vem à tona quando se fala da UFBA e isso, por uma razão que nos parece muito simples: ele sempre imaginou que a Universidade e a Bahia se confundiam. Talvez as ações na área das artes e humanidades tenham se constituído no *carro chefe* da longa gestão de Edgar à frente da UFBA. Ilustres figuras das artes e das humanidades da Bahia, volta e meia, fazem referência ao reitorado de Edgar Santos, como sendo o espaço e o tempo de provocações fundamentais para a formação do que estas personalidades são hoje no campo das artes, da música, da literatura. São os Caetanos, os Gils, os Tom Zés, os Glaubers, os Antonios Risério, os Miltons Santos, que relembram aqueles momentos, nas décadas de 50 e 60, quando, aqui em Salvador, participavam, como estudantes da UFBA ou não, dos concertos na Reitoria, das apresentações no Santo Antônio e na Residência Universitária, das manifestações políticas organizadas por estudantes e professores da UFBA, dentre tantas outras atividades que marcavam o cotidiano de Salvador e da Bahia pela ação da Universidade.

A Bahia de hoje não é mais a Bahia de ontem. A UFBA também não o é. Entretanto, a oportunidade de escolher uma nova Reitoria – a partir de uma ampla consulta a todos os segmentos da Universidade – constitui-se numa oportunidade sem igual para, sem perder de vista as experiências desse passado recente, analisar o que propõem para o futuro os tantos candidatos e candidatas que começam a surgir, tardiamente, já que até o final de maio precisamos ter o processo concluído. É pois, fundamental, pensar a Universidade numa perspectiva maior, não atrelada ao poder político local e nacional, nem subserviente a modelos impostos pelos organismos internacionais que insistem em ditar as regras e procedimentos, vinculando a Universidade à perversa lógica de mercado, como único e grande regulador de tudo, da produção de sapatos, carros e produtos petroquímicos à cultura e ao conhecimento.

A Reitoria da UFBA

Nelson Pretto

Luis Felipe P. Serpa

A cada quatro anos a UFBA vê-se envolvida com a eleição de uma nova Reitoria. Algo que poderia ser uma simples questão interna de uma comunidade, não tão pequena assim, passa a ser um questão da sociedade baiana. A UFBA hoje, só considerando seus alunos, servidores e professores, constitui-se numa comunidade de muito mais de 20 mil pessoas. Mas a presença da UFBA na Bahia não pode ser medida apenas pelo número de pessoas diretamente a ela vinculada. Uma Universidade, por definição, é um universo de produções, de conhecimentos, de culturas, de ciências e de tecnologias. Todos no plural, por ser a Universidade, essencialmente, um espaço da pluralidade, um espaço essencial de intervenções. Uma Universidade acomodada não é, por definição, Universidade. As questões políticas envolvendo a escolha de novos dirigentes fazem parte dos questionamentos mais amplos da sociedade. Pensar na Universidade, com a sua autonomia, garantida pela sua própria origem desde o século XII e, no Brasil, consagrada pelo artigo 207 da Constituição Federal, não se afigura, portanto, apenas como uma questão de retórica. A Universidade – e a UFBA bem representa esse ideal – é por natureza uma instituição comprometida com a sociedade. Compromisso esse evidenciado não somente pelo atendimento aos seus mais de 18 mil alunos de graduação e mais de mil na pós graduação ou pelos serviços médicos e hospitalares que presta, mas, principalmente, pelo que representa do ponto de vista de intervenção no cotidiano da nossa vida social. Pensar o carnaval, as questões ambientais, as políticas públicas de educação e cultura – que insistem nossos governantes em tratá-las de forma separada! - são alguns dos elementos cotidianos dessa interação da Universidade com a sociedade. Esses são apenas alguns exemplos. Existem tantos que seria até insanidade elencá-los todos de uma só vez. Parece-nos, entretanto, importante ressaltar alguns fatos, de certo modo recentes, que marcam a intencionalidade da instituição universitária de interagir com a sociedade. A histórica luta das Universidades públicas baianas pela criação da Fundação de Apoio a Pesquisa da Bahia